

# A (RE)ESCRITA DA HISTÓRIA DE CECÍLIA EM AS DUAS VIDAS DE CECÍLIA: SILENCIAMENTO E PATRIARCADO

## THE (RE)WRITING OF CECILIA'S STORY IN THE TWO LIVES OF CECILIA: SILENCE AND PATRIARCHY

Luciene de Sousa Ribeiro<sup>1</sup>

Rubens Martins da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa a obra: *As duas vidas de Cecília*, de Raymundo Ayres Filho, publicada em 2021. Trata-se de uma narrativa histórica acerca dos 25 anos (1926-1951) vividos por Cecília, que protagonizou uma história cercada de incompreensões e silenciamentos impostos pelo patriarcado. Recorremos a conceitos de História e Memória, dentre outros, para melhor compreensão da referida obra. Entendemos que esta análise possibilita reflexões sobre o uso da Literatura Tocantinense como fonte histórica e também sugerimos que a obra seja utilizada de forma interdisciplinar entre as disciplinas de Português, História e Geografia do Tocantins na educação básica. Dessa forma, será uma aprendizagem significativa para o aluno, em virtude da articulação com outras áreas do conhecimento, chegando à escolarização da Literatura, preconizada por Cosson (2014).

**Palavras-chave:** História. Literatura. Silenciamento. Memória. Cecília.

**Abstract:** This work analyzes the work: *The two lives of Cecília*, by Raymundo Ayres Filho, published in 2021. It is a historical narrative about the 25 years (1926-1951) lived by Cecília, who starred in a story surrounded by misunderstandings and silencing imposed by patriarchy. We use concepts of History and Memory, among others, to better understand the aforementioned work. We understand that this analysis allows reflections on the use of Tocantins Literature as a historical source and we also suggest that the work be used in an interdisciplinary way between the subjects of Portuguese, History and Geography of Tocantins in basic education. In this way, it will be a significant learning experience for the student, due to the articulation with other areas of knowledge, reaching the schooling of Literature, recommended by Cosson (2014).

**Keywords:** History. Literature. Silencing. Memory. Cecilia.

1 Mestra em História das Populações Amazônicas (UFT), professora da SEMED/Palmas-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0758824678009352>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0218-8409>. E-mail: [luciene.ribeiro@mail.uft.edu.br](mailto:luciene.ribeiro@mail.uft.edu.br)

2 Doutor em Letras (UFT), professor da Unitins e da Seduc-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>. E-mail: [rubens.ms@unitins.br](mailto:rubens.ms@unitins.br)

# Introdução

Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal.  
Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar.  
Histórias podem destruir a dignidade de um povo,  
mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.  
Quando nós rejeitamos uma única história,  
quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar,  
nós reconquistamos um tipo de paraíso.  
Chimamanda Ngozi Adichie

Durante grande parte da história da humanidade, a mulher foi silenciada tanto no ambiente familiar quanto em todos os ambientes de um modo geral, ou seja, ela vivia à margem dos homens (pais, irmãos mais velhos, cônjuge, líderes religiosos). Esse sistema de organização social ficou conhecido como patriarcado e se baseia no antropocentrismo (homem no centro). A participação da mulher nessa sociedade patriarcal restringia praticamente aos afazeres domésticos e à educação dos filhos.

Ocupar espaços de poder tem sido uma luta árdua das mulheres, pois, somente a partir da revolução francesa (1789-1799) é que iniciaram as primeiras discussões pertinentes a gênero e direitos por igualdade entre homens e mulheres. A presença feminina não foi contemplada nos grandes eventos da história.

Nesse artigo, que ora apresentamos, analisamos a obra *As duas vidas de Cecília*, de Raymundo Ayres Filho, cuja publicação ocorreu em 2021, pela editora Talentos, de “Curitiba”. A mesma é natural de Porto Nacional, e viveu entre Monte do Carmo, Anápolis, Goiânia, ambos em Goiás, e Belo Horizonte, capital mineira. Filha de uma família tradicional da região do norte goiano, hoje Tocantins. Nesta obra o autor utiliza-se da micro-história para retratar a trajetória de Cecília Aires da Silva, que viveu de 1926 a 1951. Cecília viveu em um período arcaico, marcado pela imponência do patriarcado, mais do que não ser a dona da sua própria vontade, sequer teve acesso à assistência médica, mesmo sendo seu tio e vizinho um famoso médico português, quando ela convalescia em seu leito de morte após inserir soda cáustica, conforme Ayres Filho (2021, p. 106):

Não teve qualquer acompanhamento médico, embora o mais famoso médico da região norte do estado de Goiás, o Dr. Francisco Ayres, fosse seu tio e morasse a pouco mais de duzentos metros da sua casa. Nenhuma vez recebeu a visita do “Tio Doutor”, como era chamado. Os medicamentos ministrados eram os do conhecimento do seu pai: havia estudado os anos iniciais do curso de farmácia em Belém, não chegando a concluí-lo por ter sido acometido por um beribéri quando estudante. Além dos poucos medicamentos alopáticos, o tratamento estava sendo feito à base de mezinhas de conhecimento popular e da cultura regional.

Através da referida obra, conhecemos a trajetória de Cecília e com ela dados importantes da história da região. Sob a memória de Fausta, que foi sua contemporânea e mais do que a esposa do vaqueiro e cuidadora da casa da fazenda, uma amiga e confidente, o livro traz a voz legítima de Cecília, que compartilhou a sua própria história de vida com a amiga.

Dessa forma, trazemos uma temática que tem fomentado discussões interessantes na atualidade, sobretudo no âmbito acadêmico: o silenciamento feminino em diferentes contextos ao longo dos séculos. Também discutimos sobre o entrecruzamento entre História, Literatura e Memória, como possibilidades de compreensão da construção histórica.

Vale ressaltar que o acesso à obra mencionada foi possibilitada através da atividade do Curso de Extensão da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins, intitulada: Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocantinense - CEDLT, proporcionado pelo Prof. Dr. Rubens Martins da Silva.

Numa tarde de quarta-feira, no segundo semestre de 2022, tivemos a oportunidade de conhecer e ouvir o próprio autor (via *google meet*), Raymundo Aires Filho, além de uma sobrinha do Gegê, filho de Cecília, culminando em debates importantes acerca da Literatura Tocantinense.

Utilizando-se da metodologia da pesquisa bibliográfica, recorremos a renomados estudiosos que discutem sobre as temáticas abordadas. Nesse sentido, o presente artigo, além desta Introdução e das Considerações Finais, está organizado nos seguintes tópicos: a) Reflexões sobre História, Literatura e Memória; b) “Hora escrevo, hora não escrevo”: entre rupturas e continuidades; c) De vilã a vítima do silenciamento feminino: patriarcado no norte goiano e; d) Algumas considerações e sugestões de escolarização através da Literatura Tocantinense.

## Reflexões sobre História, Literatura e Memória

Desde Aristóteles, a relação entre Literatura e História já estava em voga. Este, respondendo a Platão, dizia que enquanto esta narra o que realmente tinha acontecido, o que podia acontecer ficava a cargo daquela, portanto é uma representação do real ou do verossímil. Em sua *Arte Poética*, este poeta grego, esclarece que não é atribuição do poeta narrar o que realmente ocorreu, mas o que poderia ter ocorrido, ou seja, o imaginário. Nessa mesma direção, ele considera que não há uma distinção perceptível entre o historiador e o poeta (Aristóteles, 2006).

O diálogo entre Literatura e História está bastante em voga na contemporaneidade. Nessa perspectiva, é pertinente refletirmos sobre as aproximações entre estas duas áreas, considerando dois aspectos. Um que considera a História como parte integrante do conteúdo literário, cedendo-lhe elementos temáticos. E outro que considera a historiografia como registro dos processos históricos produtores das obras e autores no período das publicações e suas manifestações posteriores.

O historiador não inventa as histórias, mas usa a imaginação e os recursos literários como metáforas e metonímias como se vê na Literatura, que não tem compromisso com a verdade, ao contrário da História que se embasa nas fontes históricas visando atingir a veracidade dos acontecimentos.

Todorov (2012) evidencia dois aspectos simultâneos numa obra literária, um que é história, no sentido que evoca certa realidade, fatos que teriam acontecido e outro que é ao mesmo tempo discurso, visto que existe um narrador que descreve a história e também um leitor que a compreende.

Compagnon (1999) menciona que a Literatura pode e deve ser explicada por causas históricas, mas não vê a necessidade de conciliá-las, uma vez que os próprios historiadores não creem mais nessa distinção. Parte considerável dos pesquisadores concordam sobre a afinidade entre História e Literatura, a exemplo de Fernandes quando cita:

A Literatura é uma arte essencial para a humanidade, seja para a realização do prazer da leitura, seja para a necessidade de um conhecimento maior sobre diversos assuntos. Neste âmbito do conhecer, o escrito literário se encaixa perfeitamente enquanto objeto da História, pois a Literatura revela anseios e sentimentos de uma sociedade, afinal, se trata das ideias de homens que, ao criar tais obras, eram influenciados pelos aspectos socioculturais e políticos de sua época (Fernandes, 2015, p. 6).

Da mesma forma, dentro da vertente da nova história cultural, ocorrido a partir da década de 1980, em que a História é assumida como narrativa (verdadeira), e que também pode utilizar a Literatura como

fonte, trazendo a sensibilidade do autor literário para as narrativas históricas, conforme menciona Sandra Pesavento,

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado (2003, p. 58-59).

Esta estudiosa corrobora o entendimento de que tanto a Literatura quanto a História são formas de explicar o nosso presente, assim como de construir o passado e pensar o futuro. Para que o leitor tenha interesse pela leitura faz-se necessário que a obra seja contextualizada em um determinado tempo e espaço e o conhecimento histórico nos permite isso (Pesavento, 2003).

No prefácio de *As duas vidas de Cecília*, Barros apresenta que: “A vida de cada ser humano é uma página da História. Nela se entrelaçam as histórias de seu tempo e de seus contemporâneos, de costumes e valores, de lutas e sonhos e, em alguns casos, de tragédias pessoais” (Barros, 2021, p. 11).

Mesmo que o autor não seja um historiador, a obra que analisamos pertence à área de História, visto que retrata uma história real.

Em *As duas vidas de Cecília* há a partitura e a letra de uma canção, bem como o QR code que remete a uma página no *youtube* onde consta o som da referida canção, que era cantada por Cecília e Fausta (guardiã das memórias de Cecília) dando assim mais autenticidade aos fatos relatados. De acordo com Ayres Filho (2021), ela era também conhecida por ele e suas irmãs, que por conseguinte o ajudaram na recomposição da mesma.

Na perspectiva de Lemarie, conforme citado por Santos (2007) há de levar em conta dois aspectos epistemológicos necessários para a efetivação do diálogo entre as áreas de História e Literatura, o primeiro diz respeito ao fato de demonstrar a diferenciação entre o passado propriamente dito e a narrativa criada pelo escritor/historiador, sendo o que a autora considera que é o que distingue o escritor/historiador do escritor de ficção literária. Já o segundo está ligado à concepção de que o passado se apresenta como fragmentos, como representações de fatos ocorridos no passado e dessa forma o historiador/escritor se utiliza da imaginação, ou seja, os documentos não são produzidos da forma que ocorreram.

Nesta mesma direção, é importante considerar nas discussões desses mesmos estudiosos as aproximações sobre narrativa literária e narrativa histórica,

tanto a narração literária quanto a historiográfica pressupõe um processo e estratégias de organização da realidade, uma procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado. Essa coerência imaginada, fictícia - depende, claro, parcialmente, dos próprios dados, mas também da plausibilidade de uma significação possível, imaginada pelo escritor/historiador de tal maneira que o leitor possa reconstruí-la (Lemarie apud Santos, 2007, p. 7).

Consideramos que *As duas vidas de Cecília* faz parte tanto da História Regional quanto da Micro-história, a primeira é aquela que estuda um espaço específico e as relações sociais que nele se estabelecem, enquanto que a Micro-história é caracterizada por uma escala reduzida de observação, e que por sua vez busca analisar através do micro recorte, por exemplo: uma trajetória de vida, um circuito familiar, uma vizinhança, um ambiente fabril, uma prática social, bem como algo relacionado a uma questão social de maior alcance (Barros, 2004).

Destacamos também as análises de Pierre Nora acerca de História e Memória. Para ele, “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais e a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. Segundo esse mesmo autor, a “história é uma representação do passado”, enquanto que a “memória é afetiva e mágica” e dessa forma, “não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas” (1993. p. 9).

Ao relacionar memória e tempo histórico em sua obra, Ayres Filho (2021) traz histórias e fatos que não haviam sido contados, mas de extrema importância para esclarecer os mitos que envolviam a vida de Cecília. É na perspectiva de memória de Nora, vida carregada por grupos vivos, que entendemos as memórias utilizadas em *As duas vidas de Cecília*,

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo se opõe uma à outra. A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

A memória de Cecília, retratada por Ayres Filho (2021), fornece ao leitor a possibilidade de compreensão do jogo literário com a realidade, ou melhor, com a história de vida de uma mulher em tentativa de silenciamento do poderio desmedido do patriarcado.

## “Hora escrevo, hora não escrevo”: entre rupturas e continuidades

Utilizando-se da memória dos contemporâneos de Cecília (que aceitaram colaborar), sobretudo da dona Fausta, a quem a própria Cecília havia confiado toda sua história, Ayres Filho (2021) construiu a narrativa da trágica história de uma jovem que encerrou sua linha do tempo aos vinte e cinco anos de vida. A memória aqui é pensada na perspectiva de Nora (1993, p. 9) como vida “sempre carregada por grupos vivos” e, desse modo, “em permanente evolução”..

Vale salientar que o autor é sobrinho da Cecília, filho de seu irmão mais velho, e desde a infância se incomodava com os ditos e os não ditos em torno da história de vida da sua tia. Tais inquietações o interpelaram a querer saber a verdade acerca dos mistérios envolvendo a filha do major Antônio Aires da Silva e dona Rosina Pereira Aires.

A protagonista, Cecília, não teve nem mesmo o direito de cuidar do próprio filho porque ele foi tirado do seu convívio pelo esposo quando ela pediu o divórcio, depois de não suportar o fardo de viver um relacionamento arranjado pelo próprio pai, e cujo marido era ausente, vivia viajando, comprando e vendendo gado.

A riqueza literária desta obra está, de certo modo, associada ao seu autor, pois desde a pré-adolescência era um leitor voraz, como ele mesmo diz: “Tinha o hábito de ler tudo que me caía às mãos. Encantava-me o quanto as palavras escritas carregavam em si poderes de exercer sobre mim um quê de magia” (Ayres Filho, 2021, p. 16), distanciando da realidade vivenciada pela maioria dos seus contemporâneos. Como consequência do seu hábito de leitura, alimentava o desejo de reunir os fragmentos sobre sua tia e registrar a sua verdadeira história de vida.

Já na adolescência, pensou possuir as habilidades necessárias para a escrever o livro, mas desde esse período se deparou com dificuldades no sentido de obter as informações necessárias para tal.

Considerando as barreiras enfrentadas em torno do acesso às fontes históricas verdadeiras sobre os acontecimentos que culminaram na curta trajetória de vida de sua tia Cecília, já na fase adulta chegou a desistir da escrita do livro, visto tratar-se de um passado que para a maioria de seus familiares era conveniente que ficasse enterrado, “encoberto, escondido ou, simplesmente, ignorado e que todos queriam esquecer. Relutava em ser o depositário daquilo que todos queriam que não viesse à tona” (Ayres Filho, 2021, p. 17).

Desse modo, Ayres Filho (2021) passou por momentos de hesitações e motivações até enfim tomar coragem e presentear o leitor com uma obra extremamente comovente, esclarecendo todos os fatos e arbitrariedades que envolviam a trajetória de sua tia. Ao romper com o silenciamento, Ayres Filho (2021) permitiu que a verdadeira história não caia no esquecimento e que os “novos Ayres e Aires”, os portuenses e todos aqueles que tiverem acesso à obra, conheçam a história de vida de uma jovem à frente de

seu tempo, inconformada com o patriarcado vigente, que vivera uma trajetória curta, marcada por incompreensões e tristezas. Assim, em virtude da sensibilidade do autor, trouxe significativas contribuições à História e à Literatura Tocantinense.

Conclui que não tinha o direito de negar à minha tia Cecília a única chance de impedir que continuasse a distorcer os fatos, criando infinitas versões sobre a sua verdadeira história, ou simplesmente caindo no esquecimento da forma que fora dita. Foi aí que me propus a resgatá-la 68 anos após a sua morte (Ayres Filho, 2021, p. 20-21).

Corroborou nesse sentido, a história de Manuel Mena, descrita na obra: *El monarca de las sombras*, do escritor espanhol, Javier Cercas, em que Ayres Filho, já adulto e ainda leitor voraz, teve acesso. Nessa obra, Javier Cercas, passa por situação similar de relutância até registrar a trajetória de seu tio que para a população do povoado em que nascera, Ibahernando, na Espanha, ele havia morrido como traidor do seu povo, quando, na verdade, houve uma sequência de equívocos que foram disseminados, e que posteriormente, seu sobrinho, Javier Cercas, conseguiu provar ao resgatar a história de luta seu tio, Manuel Menas, durante a guerra civil espanhola, em 1936 (Ayres Filho, 2021).

## De vilã a vítima do silenciamento feminino: patriarcado no norte goiano

O silenciamento resulta do controle social imposto por determinados grupos que se utilizam do poder que exercem e define como a sociedade, que tem alicerce no patriarcado, precisa ser organizada, conforme Bourdieu (2012). Para este autor o silenciamento representa a efetivação da violência simbólica.

A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato este que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu “poder hipnótico” a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem (Bourdieu, 2012, p. 54-55).

Privilégio maior para o homem e subalternidade para a mulher, é assim a relação de poder, e ela vem sendo problematizada durante todo o percurso dos estudos de gênero. Em estudos de várias áreas do conhecimento, discute-se acerca da opressão feminina e também sugere formas de emancipá-la. Para Butler, gênero não é algo estático, portanto ultrapassa os aspectos biológicos, ou seja, trata-se de um construto cultural, um ato performativo, que pressupõe práticas que podem ser consideradas tanto masculinas quanto femininas. Para esta autora,

O gênero não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a assonante história do patriarcado. O gênero é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer. Se esse ato contínuo, porém, é tomado como um fato natural ou linguístico, renuncia-se ao poder de ampliar o campo cultural corporal com performances subversivas de diversas classes (Butler, 2018, p. 16).

De acordo com Ayres Filho, Cecília não era uma filha submissa, possuía uma atuação diferente das irmãs e também das jovens de sua época, do mesmo padrão social, já nascera com espírito livre, suas aspirações era ter um pouco de liberdade para fazer as atividades próprias de uma adolescente/jovem de sua época, o que não era permitido pelo seu pai.

O espírito de liberdade fazia com que Cecília fosse tida como uma filha rebelde. Era o espinho cravado no orgulho do Major. Ao contrário das outras irmãs, não aceitava passivamente as limitações que lhe eram impostas pelo pai e muito menos pela sociedade extremamente conservadora. Sempre resmungava. Cecília queria apenas “beijar” a vida” (Ayres Filho, p. 27).

Segundo a narrativa de Ayres Filho (2021), as filhas do major Antônio Ayres não tinham liberdade nem mesmo de ir à escola ou à igreja desacompanhadas, mesmo se tratando de locais próximos à sua casa. O major alegava que agia em nome dos bons costumes e que zelava pela reputação da família (por serem moças de família), e isso não se aplicava aos rapazes, só as moças viviam sob um conservadorismo opressor. O próprio major, ao ficar viúvo, aos 74 anos, casou-se novamente com uma jovem de pouco mais de vinte anos de idade e essa atitude não feria os “bons costumes”.

Tendo em vista Cecília possuir espírito com tendências à liberdade, ela não concordava como era tratada desde criança, sendo, portanto, considerada uma filha rebelde. Desse modo, com o decorrer do tempo foi criando sérios conflitos com o seu pai. A sua busca constante por liberdade ia de encontro às regras impostas pelo patriarcado.

A vida de Cecília girou em torno de dois casamentos, sempre atendendo às conveniências do seu pai. A princípio, Cecília foi casada aos 17 anos com um homem 15 anos mais velho. Apenas 8 dias após ser informada do próprio casamento é que conheceu o futuro esposo.

Era um dia claro de temperatura amena. Vestiram-na de branco longo, brocado, com detalhes em renda e grinalda com um comprido véu que levava de arrasto. Usava brincos de pérola branca e nas mãos um ramallete de flores artificiais igualmente brancas. Ao saxofone, Argemiro Pereira de Assunção entoava a Marcha Nupcial de Mendelssohn ao mesmo tempo em que os sinos da catedral replicavam em ritmo festivo. O Major, andando lentamente pelo corredor principal da nave central da Catedral Nossa Senhora das Mercês conduziu a filha até o altar e a entregou ao fazendeiro Cândido Figueira (Ayres Filho, p. 35-36).

Mesmo que a cerimônia tenha ocorrido levando em conta todos os rituais matrimoniais, a noiva não se sentia parte dela, não se via preparada para se tornar uma mulher adulta. Cecília se acomodou à vida de casada e em meses já estava grávida de seu único filho, que nasceu durante umas das muitas viagens de seu esposo. Logo, mesmo sendo muito jovem teve que lidar sozinha com a gravidez, o parto e depois com o recém-nascido. Com o tempo, as viagens do marido se tornaram cada vez mais frequentes e Cecília não suportou mais a vida que levava, um esposo que não amava e com quem nunca podia contar. Por isso, pediu o divórcio e isso lhe custou o que lhe era mais precioso, a companhia de seu filho, Gegê, de apenas 4 anos de idade. Inconformado com a ousadia da esposa, levou o filho para uma viagem “sem volta”, e preferiu terceirizar a criação deste, entregando-o à dona de um hotel em Uberaba.

Não obstante ter passado o resto de sua vida querendo reencontrá-lo, a sua luta de busca pelo seu filho, foi absolutamente solitária, reiteradas vezes solicitou ajuda ao seu pai, sem sucesso, porque para ele o melhor para a criança era ficar com o pai.

Após a separação, Cecília passou necessidades financeiras, tendo que se desfazer das próprias joias a fim de se manter na capital goiana, mesmo se tratando da herdeira legítima do major Antônio Aires, ou seja, um homem de muitas posses materiais.

Posteriormente, aceitou ser internada em um convento das Irmãs Dominicanas, em Belo Horizonte. Por seis meses viveu ali, definhando aos poucos até a madre superiora escrever à sua família solicitando a sua retirada em virtude da depressão e suas consequências.

A mãe de Cecília, sem voz, atitude e também vítima do patriarcado, morreria antes de assistir ao segundo casamento da filha que ocorreu em dezembro de 1949. Cecília aceitou o casamento na expectativa de obter a ajuda do pai para reaver o filho, inutilmente, o que lhe restou foi morar em uma das fazendas da família, no município de Monte do Carmo, onde o major possuía duas minas de ouro. Viveu novamente com um segundo marido, sem amor, apenas por conveniência de seu pai e do esposo, que ao que o autor sinaliza, tinha interesse na significativa produção de ouro da família, além de ser ciumento e violento, conforme Ayres Filho, 2021, p. 94:

-Fausta, estou me sentindo cada vez mais angustiada - Falou Cecília, - o homem não para de fazer acusações e ameaças. Como lhe falei, tem ciúmes até do meu filho. Para ele, sou uma mulher da vida. Não sei até quando poderei aguentar. Temo pelo meu irmão.  
- As vezes tenho vontade de sumir, desaparecer, sozinha...

Nessa última fase da vida de Cecília, ela vivia a maior parte do tempo na companhia de Fausta, esposa do vaqueiro, a quem contou detalhes de sua história e assim relata ao encontrar Ayres Filho já em 2017: “- Estive lhe esperando todos esses anos. Tive muito medo de morrer e ter que levar para debaixo da terra tudo aquilo que a sua tia me confiou além de tudo o que sei e presenciei” (Ayres Filho, 2021, p. 61).

As confidências entre Fausta e Cecília, consideradas como tentativas de novos horizontes femininos, possibilitaram o registro de uma história marcada pela força do patriarcado no papel do pai de Cecília e dos maridos que tivera.

## Algumas considerações e sugestões de escolarização através da Literatura Tocantinense

Através do presente artigo, compartilhamos reflexões e discussões em torno da temática literatura, história, memória, silenciamento e patriarcado, tendo como pano de fundo a obra *As duas vidas de Cecília*, de Raimundo Ayres Filho. Apesar de ter sido publicada em 2021, a obra remete a um recorte temporal de meados do século XX. Mesmo que gradativamente, felizmente ocorreram significativos avanços no que tange à inserção da mulher em espaços de poder. A trajetória de Cecília é uma representação de como era a sociedade norte goiana daquela época, marcada por privilégios para os homens e subalternidade para as mulheres.

Reunindo fragmentos sobre Cecília, inclusive apropriando-se da memória de quem aceitou colaborar, sobretudo dona Fausta, Ayres Filho (2021), mesmo não sendo um historiador, construiu uma narrativa com fatos históricos diversos sobre a trajetória de sua tia, e com ela fatos relevantes ocorridos na região, o que torna a obra extremamente importante para estudos que tenham como objeto o norte goiano no século XX. Sendo o autor sobrinho de Cecília, certamente essa obra incomodou parte de seus familiares, que não tinham interesse na verdadeira história de vida dessa jovem pertencente à classe alta, por se tratar de um passado relegado, cuja protagonista idealizava ter uma atuação divergente das jovens de sua época, portanto ia contra a imposição do patriarcado vigente.

Dessa forma, destacamos que esta obra contribui de forma significativa para a construção do cânone literário tocantinense, ainda em formação. E sugerimos que ela possa ser trabalhada de forma interdisciplinar na educação básica, pois vislumbramos a possibilidade de enriquecimento do ensino tanto da Literatura quanto da História e da Geografia do Tocantins. Em virtude de ser uma obra que traz fatos da nossa região, visualizamos que seja efetivo o letramento literário.

O letramento literário na perspectiva de Cosson (2014) apud Isse (2020) considera todo tipo de conhecimento prévio do aluno, indo além da leitura simples na qual o leitor apenas visualiza as palavras, decifra-as, mas não consegue fazer uma articulação com as suas experiências pessoais e as leituras prévias.

É interessante trazer para a discussão a sequência básica apresentada por Cosson (2014) apud Isse (2020) que é composta por quatro estágios, a saber: i) Motivação - que é a preparação do leitor antes de receber o texto; ii) Introdução - que visa despertar o interesse do leitor; iii) Leitura - que objetiva acompanhar a leitura dos alunos e; iv) Interpretação - que busca fazer link em texto e o conhecimento prévio do aluno.

Sabemos que a interdisciplinaridade na escola é um desafio para os profissionais das diversas áreas, que não conseguem fazer um planejamento conjunto, contudo, parte expressiva dos pesquisadores da área têm demonstrado que ele é necessário para que o processo de ensino e aprendizagem seja

eficiente. Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum - BNC advoga que cada unidade de ensino possa

decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (Brasil 2018, p. 18).

Nessa mesma direção, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio em consonância com a BNCC (2018), Etapa Ensino Médio, preconizam que as práticas de planejamento dos docentes sejam realizadas de forma coletiva, visando a integração curricular,

A abordagem interdisciplinar e transdisciplinar se faz necessária para uma organização por Área de Conhecimento, em que cada componente contribui com o específico e integra o conhecimento da área. Nessa abordagem, os conceitos estruturantes são articulados aos objetos de conhecimento em prol do desenvolvimento das habilidades (Tocantins, 2019, p. 38).

O processo de escolarização da obra “As duas vidas de Cecília”, segundo a sequência básica proposta por Cosson (2014), será efetivado mediante o levantamento de temáticas para discussão em sala de aula. Nesse sentido, é possível promover debates sobre as noções de patriarcado, silenciamento feminino, extração de minerais, acesso aos serviços de saúde.

Além das discussões, resultantes da leitura, a escolarização literária se faz mediante a produção de diferentes tipos textuais. A partir da análise da realidade vivida por Cecília é possível construir reflexões em artigos de opinião sobre os pontos ora mencionados.

Dessa forma, será possível atender ao que preceitua o Documento Curricular do Tocantins – DCT para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, quando menciona sobre o estudo da literatura tocan-tinense, esclarecendo sobre a relevância da inclusão de tais estudos de forma gradativa, com o objetivo de “promover, ressaltar e valorizar a literatura local e regional de forma ampla, potencializando o conhecimento cultural, artístico e sociolinguístico adquiridos pelas leituras das obras literárias tocan-tinenses” (Tocantins, 2019, p. 28).

## Considerações finais

Escrita nas veredas do solo tocan-tinense a obra *As duas vidas de Cecília* (Ayres Filho, 2021) revela um retrato da tríplice conexão entre história, memória e literatura.

Os aspectos históricos revelam a conjuntura social vivida por Cecília no período de 1926 a 1951, época marcada pelo patriarcalismo. No campo da memória, a narrativa de Ayres Filho (2021), apresenta relatos da cidade de Porto Nacional, que na época do estado de Goiás era considerada uma das mais importantes em contextos culturais, econômicos e sociais.

No contexto literário, e por fazer parte de uma literatura produzida no estado do Tocantins, a obra apresenta em uma narrativa poética centrada em uma estética que revela ao leitor os momentos som-brios vividos por Cecília em Porto Nacional e Monte do Carmo, ambas no estado do Tocantins, bem como em Anápolis/GO e Belo Horizonte/MG.

O contexto interdisciplinar que a obra alcança faz com que ela seja empregada como uma importante ferramenta pedagógica. Nesse sentido, a escolarização, ou melhor, a inserção dessa obra nas atividades de leituras realizadas na educação básica e superior pode ser concretizada por meio da sequência básica difundida por Cosson (2014).

À guisa conclusiva, este artigo é, além de seu caráter científico, um convite à leitura de *As duas vidas de Cecília*, pois sua construção poética revela a potencialidade que a Literatura Tocantinese apre-

sentada à formação de leitores e à valorização e reconhecimento dos escritores do estado do Tocantins.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo da história única**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/chimamandevda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?langua=pt](http://www.ted.com/talks/chimamandevda_adichie_the_danger_of_a_single_story?langua=pt)>. Acesso em: 5 ago. 2020.

AYRES FILHO, Raimundo. **As duas vidas de Cecília**. 1ª ed. Curitiba: Talentos. 2021.

ARISTÓTELES. **Arte Poética: texto integral**. Tradução da Equipe Lee Livros. São Paulo: Martin Claret. 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da história: especialidades e abordagens**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. P. 132 – 179.

BARROS, Marinalva do Rego. **Prefácio** in: AYRES FILHO, Raimundo. **As duas vidas de Cecília**. 1ª ed. Curitiba: Talentos. 2021.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB 9394/96**. Brasília, 1996.

BUTLER, Judith. **Atos performativos e constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad.: Jamile Pinheiro Dias. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/81971488-Os-atos-performativos-e-a-constituicao-do-genero-um-ensaio-sobre-fenomenologia-e-teoria-feminista.html>>. Acesso em: 12 mar 2021.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FERNANDES, Leandro dos Santos. **O historiador e a literatura como fonte histórica**. ISBN 978-85-8084-996-7, n. 9, p. 4-8, Nov. 2015.

ISSE, Renam Marques. O letramento literário e a escolarização da literatura infanto juvenil. Caderno Seminal, 35(35). Disponível em: <https://doi.org/10.12957/cadsem.2020.48001>>. Acesso em: 01 dez 2023.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto história v. 10. São Paulo. 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 01 dez 2023.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. **História e Literatura: uma relação possível**. *Revista Científica*. Curitiba, ano II, v.2, jan-dez/2007. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/zeldossantos.pdf>>. Acesso em: 01 dez 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TODOROV, Tzevetan, **A literatura em perigo**, trad. Caio Meira, 4ª ed. Rio de Janeiro. DIFEL, 2012.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Território do Tocantins: Linguagens**. Palmas: Seduc, 2019.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Território do Tocantins - DCT/TO, Etapa Ensino Médio**. Palmas: Seduc, 2019.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Recebido em: 23 de janeiro de 2024.

Aceito em : 10 de junho de 2024.